

Pau-de-arara, cabeça-chata

JOSE SARNEY

A história do homem é a história da discriminação. Desde que surgiu na face da Terra, apareceram meios e modos de segregar, de excluir, de separar. Este sentimento confundeu-se com o sentimento de egoísmo, de ódio, de superioridade, e é a negação do próprio homem: "Amai-vos uns aos outros", foi a sentença cristã da revolução moral, mas, também, social.

A discriminação é de tal modo monstruosa que gerou a mais odiosa das violências: a escravidão. Um mundo dividido entre senhores e escravos. O Brasil é um país de convivência, mas é, também, um país de discriminação. Um tipo de preconceito que não significa exclusão, mas desenvolve uma barreira entre as pessoas. As mais graves discriminações, todos sabemos, são aquelas que envolvem questões de raça, de religião e de convicções ideológicas. Mas existem discriminações que são tão graves quanto estas, que estão crescendo no Brasil: as discriminações regionais. O preconceito sempre tem um motivo mais profundo e quase intrinsecamente ligado à pobreza. Os negros, os índios, gente considerada de segunda classe.

No Brasil, o preconceito que se processa contra os nordestinos tem origem na pobreza. Gente pobre, gente inferior, gente de êxodo, gente sem raízes. Aos nordestinos foram atribuídos qualificativos que tinham conotação pejorativa. Primeiro, "baiano", que envolvia toda gente que era do Norte, e os provérbios ultrajantes: "Baiano bom já nasce morto." De-

pois, o cearense "cabeça-chata", o "arataca", o "pau-de-arara", o "paraíba". Hoje, finalmente, nordestino é sinal de atrasado, provinciano.

Eu fui presidente da República e senti na carne o peso dessa discriminação. Não perdoavam que um homem do Nordeste, um "pau-de-arara", pudesse ocupar aquele posto. No fundo, esse sentimento começava nos grandes líderes políticos que tinham visibilidade e espaço nos editoriais de alguns jornais que jamais deixavam de falar no "provinciano", o "nortista", o "Ribamar", enfim, nas designações que nada mais eram do que esse sentimento amoroso, de que nem o presidente da República era poupado.

Ouvi de um amigo sulista ter ficado surpreso ao assistir a um show de Elba Ramalho quando a viu começar sua apresentação cantando o "Hino do Nordeste", no qual flui essa amargura ressentida e libertária de toda uma região sofrida e injustiçada. Respondi-lhe: "Pois fique sabendo que este é o sentimento que se generaliza não só ali, mas no Norte e no Centro-Oeste também."

O Brasil sempre foi um país de estrutura social injusta e desintegrada. As áreas pobres funcionaram em relação ao Sul como fornecedoras de mão-de-obra barata. Um pouco assim como a África funcionou em relação à Europa. Dizia Alceu Amoroso Lima, no prefácio ao "Minha formação", de Joaquim Nabuco, que "o Brasil era o café, e o café era a escla-

vidão". Acabada esta, iniciou-se, com a ajuda da seca impiedosa naquelas vastas regiões, a corrente migratória que iria substituir a escravidão, sob outras capas. Esse sistema, com a industrialização, vigorou e foi mantido. Hoje, com a modernização, o processo de desemprego estrutural, com a liberação de mão-de-obra, os desempregados, em sua maioria nordestinos, foram expulsos para a periferia das grandes cidades, onde se localizam esses cinturões de miséria, de menores famintos e desamparados, da prostituição, da droga, da violência e da contravenção. E essa gente, então, em sua situação de gueto, passa a ser alvo ainda maior do sentimento da discriminação.

Edson Queirós, grande amigo que tive e grande empresário nordestino, disse-me uma vez, com um pouco de revolta e muito de desencanto: "Vou ter que ter um pé no Sul, pois industrial nosso que não estiver ali será um falido amanhã. Quem ficar somente no Nordeste morrerá."

O Nordeste contribuiu de todas as formas para a formação da nacionalidade. No setor cultural, ele deu excepcional contribuição. A maior e mais forte vertente da literatura nacional é o regionalismo. Graça Aranha, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, José Américo de Almeida, Jorge Amado, Josué Montello, João Ubaldo Ribeiro, Raquel de Queirós, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Ascenso Ferreira, Valde-

A maior e mais forte vertente da literatura nacional é o regionalismo

mar Cavalcanti, Manuel Diegue Júnior, Glauber Rocha, Ariano Suassuna, Ferreira Gullar, Dias Gomes, Barbosa Lima Sobrinho... ao lado de Guimarães Rosa — mineiro, mas garimpeiro da mesma fonte. Pois bem, agora surge a tentativa de destruição destes nomes numa manifestação racista e segregacionista. "A subliteratura do regionalismo" — assim se ataca — e por aí saem esses reacionários sem nenhuma contribuição dada ao país, por esnobismo puro, modismo e brilhareco buscando apontar essa área como secundária. E haja demolição do que de melhor possui a literatura brasileira.

Quando se fala na discriminação do negro, do mulato, do antigo "crente", omite-se esta grande discriminação que existe no país: a discriminação regional, discriminação do povo sofrido do Nordeste. O Brasil nunca entendeu o problema nordestino. Quis desmoralizá-lo, ligando-o à indústria da seca e para ele fechou os ouvidos e os olhos.

Como é difícil trabalhar por aquela região! E, contudo, ali está localizado o maior problema do país, com todos os ingredientes de ser uma dor de cabeça que não passará e que poderá atingir a unidade nacional.

Há uma nuvem de fumaça cobrindo a visão dos problemas nordestinos. Não temos ouvidos que nos ouçam. Os interlocutores sumiram e acham que tratar do Nordeste é coisa para mordomos, problemas da criadagem, e não para o dono da casa. Será que todas as esperanças estão perdidas?

JOSE SARNEY é presidente do Senado.